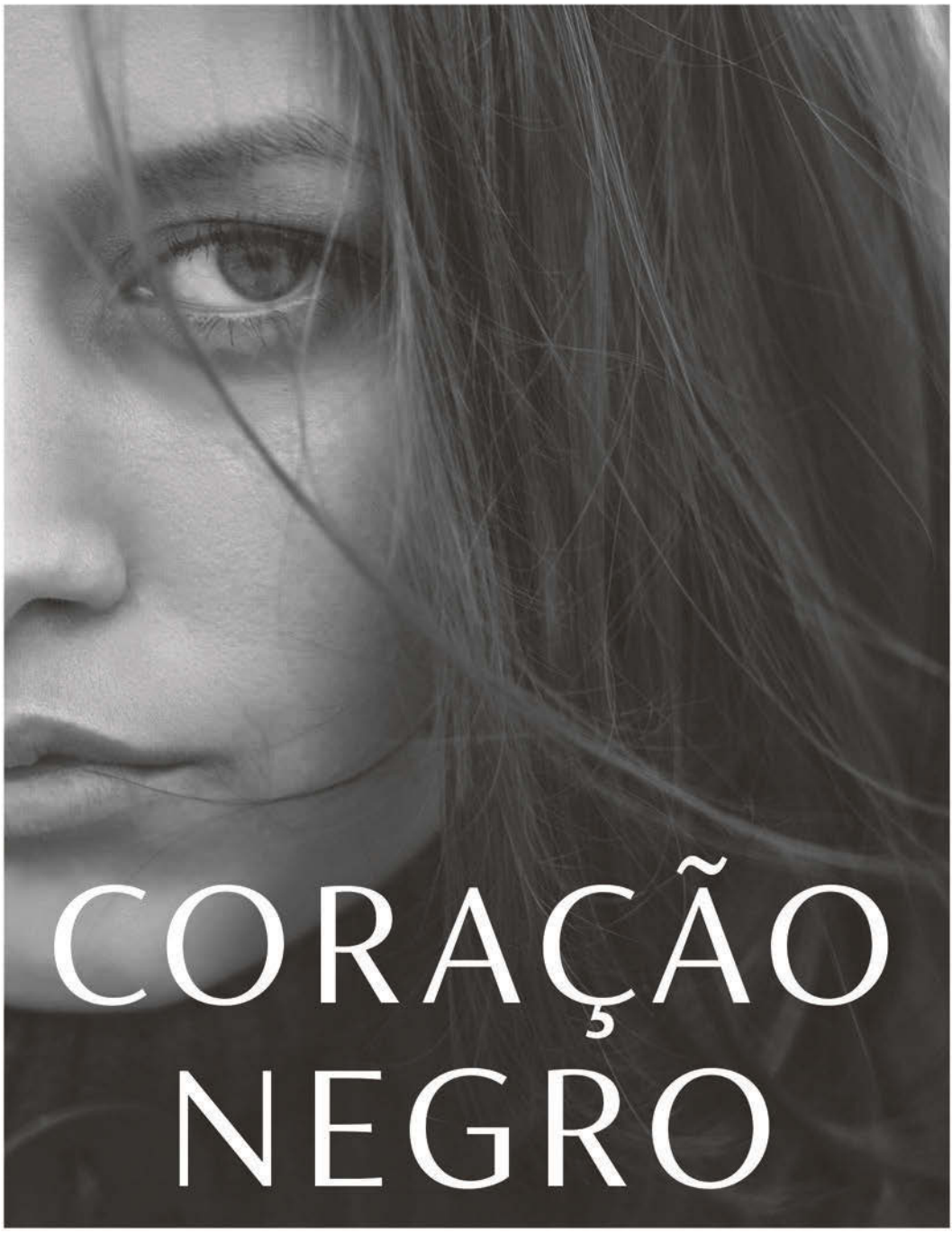

CORAÇÃO NEGRO

Silvia Avallone

SUMA de Letras

Para o Gio, o meu marido

Silêncio, por todo o lado: sozinho, sob as rajadas,
odes longínquas, de jardins e hortas,
das folhas um cair quebradiço. É o verão,
frio, dos mortos.

GIOVANNI PASCOLI, «Novembro»

A realidade exige
que também se diga isto:
a vida continua.

WISŁAWA SZYMBORSKA, «A Realidade Exige»

PRIMEIRA PARTE

Duas solidões

1

A segunda-feira de novembro em que Emilia e o pai se meteram pelo trilho chamado Stra' dal Forche e subiram ao bosque de lagos que separa Sassaia do resto do mundo era o Dia dos Mortos.

Riccardo continuava a pensar que um lugar como aquele — uma aldeia minúscula e isolada — não era adequado para começar uma vida nova: não para a filha, não depois do que passara e, sobretudo, não sozinha. Mas Emilia avançava em passo rápido, determinada.

Por outro lado, o céu estava deslumbrantemente azul nessa manhã. O ar, perfeitamente limpo pela chuva da noite anterior, deixava transparecer até os pormenores mais longínquos, e havia uma luz extraordinária pousada nas coisas: como se mais ninguém pudesse morrer, e nenhuma história pudesse terminar, naquele cume impoluto de terra.

Na realidade, já tudo terminara há algum tempo. Abrigos para o gado em ruínas, uma capela votiva com uma Virgem Negra desfigurada pelos elementos; pai e filha tentavam não reparar nos destroços pelo caminho. Suavam, sem dizer nada um ao outro. Haviam esperado tantos anos por aquele momento que agora receavam perdê-lo se falassem. O trilho de mulas estava coberto por um espesso tapete de folhas húmidas, e até os seus passos eram silenciosos. Apenas os corações soavam, ensurdecedores. Ambos os ouviam ribombar de cansaço, de emoção, de medo, amplificados pelo silêncio entranhado em todo o lado, entre as raízes, entre os ramos: vivo.

De vez em quando, pousavam as malas para recuperar o fôlego. Os pulmões já não estavam habituados às montanhas:

eram pessoas de planície, que só as haviam frequentado em férias, muito tempo antes. Sentiam dores nas pernas, nas costas, mas não havia outra forma de chegar a Sassaia: nenhum troço de asfalto ou terra batida, ou minimamente transitável. Haviam sido forçados a deixar o carro em Alma, o último posto avançado da civilização, e continuar a pé, como nos anos cinquenta. E, como sessenta anos mais tarde ninguém — salvo raras exceções — aceitaria percorrer uma floresta a pé para comprar leite ou um maço de tabaco, o resultado foi passarem por um par de pegas, um esquilo, mas nem sombra de seres humanos.

Para já, as suas preocupações concentravam-se na casa: no estado em que a iriam encontrar. Riccardo enviara um familiar afastado, uma pessoa discreta, para fazer uma prospeção, algumas semanas antes, e haviam surgido os problemas clássicos de última hora. A caldeira era velha, os canos também, e não era certo que resistissem às geadas. Algumas das portadas estavam desengonçadas e as correntes de ar poderiam ameaçar o calor do fogão. O sistema elétrico, em particular, fora comprometido por ratos em vários pontos.

Como era de esperar, Emilia não quis adiar a mudança. Insistira que se desenvencilharia, que trataria de tudo. O tal familiar discreto, Aldo, fizera os possíveis para antecipar a sua chegada: dera uma limpadela, substituíra alguns cabos, tapara algumas fendas. Mas deixara claro que o grosso do trabalho deveria ser feito por um eletricista, um bom eletricista, disposto a aventurar-se até lá acima. E agora a perspetiva de acenderem velas na escuridão total, a escuridão típica de um lugar sem iluminação pública, deixava-os um pouco ansiosos.

A meio do caminho, sentaram-se numas grandes pedras, que pareciam ter sido colocadas ali especialmente para descansarem. O sol do meio-dia banhava de luz até os ramos mais baixos, incendiava as folhas que ainda restavam nas árvores e iluminava as castanhas caídas, fazendo-as brilhar como pérolas.

— Se te despachares a apanhá-las, ainda juntas uns dez quilos — disse o pai, apontando para elas. — Poderias viver delas durante semanas. — E acrescentou, com ironia: — Conseguirias sobreviver a este inverno, mesmo que, como é provável, o caminho ficasse bloqueado pela neve.

Emilia esticou a perna e tocou num ouriço húmido com a ponta da bota, sem responder à provocação.

— A tia Iole… — continuou Riccardo, abanando a cabeça. — Não havia maneira de a convencer de que o pão era melhor do que as castanhas. Uma verdadeira *valìt*, uma resistente. Lembras-te?

Sim, embora não quisesse. O ponto fraco de Emilia, regressando a um tema importante, eram os mortos. E a tia Iole estava morta. Alguns meses depois do «episódio». «De tristeza», era o que diziam.

Perguntava-se como poderia viver *precisamente* numa casa que pertencera a alguém em quem não queria pensar, com todos os móveis lá dentro, as toalhas de mesa, os bibelôs. E percorrer duas vezes por dia aquele trilho, que, nas suas memórias, era o caminho alegre por onde saltitava quando era criança, mas que, entretanto, se transformara numa subida íngreme e cansativa. Para cima e para baixo, de verão e de inverno. Para fazer compras, para procurar trabalho e, se conseguisse emprego, para o manter. Percebeu que, ao realizarmos os nossos desejos, também os atraiçoamos.

— Hás de habituar-te — assegurou-lhe o pai, lendo-lhe o pensamento. — Vais ficar com uns gémeos deste tamanho — acrescentou, a rir. — Mas, se começares a achar que é uma loucura, como todos te dissemos, voltarei para te vir buscar. Mesmo que seja já amanhã.

— Não vai ser preciso.

— Mudar de opinião não é sinónimo de fraqueza.

— Diz o roto ao nu — retorquiu Emilia secamente. — E, de qualquer modo, sei desentupir um cano, sei pintar paredes. Até na carpintaria eu era boa: posso construir um trenó para o inverno.

Exibiu o seu típico sorriso malicioso, que deixara no mesmo sítio onde aprendera a planar, a serrar, a mentir na perfeição e a desenhar a paisagem perfeita com uma única pincelada de cor.

— A sério — continuou Riccardo, ansioso —, estou preocupado com a neve. E quando ficares encurralada e o telemóvel não tiver rede? O Aldo diz que há rede num sítio específico da cozinha, mas quero verificar… O que vais fazer se não houver? Vais chamar um helicóptero da guarda-florestal com sinais de fumo?

— Pai… — suspirou Emilia. — Vivi sem telemóvel até anteontem.

Os castanheiros estavam carregados de ouriços que ninguém apanhava. Acima das árvores, brotavam rochas nuas, bosques a perder de vista e, espalhados pelo meio, envoltos em sombras escuras ou banhados por uma luz fria, nove ou dez aglomerados de casas, o mais pequeno dos quais era Sassaia.

Pai e filha permaneceram em silêncio a observá-los. Depois, Riccardo voltou-se para Emilia com uma intensidade que talvez fosse de esperança. E ela encontrou no rosto dele, marcado pelas mágoas, mas ainda belo, ainda jovem aos cinquenta e nove anos, uma recordação perdida: a expressão de confiança que vislumbrara no seu primeiro dia de aulas, quando ele a levara pela mão até à entrada da escola primária de Collodi. Não havia outras crianças acompanhadas pelo pai, e até para ela era uma novidade absoluta, porque o pai estava sempre a trabalhar, viajava até ao fim de semana. No entanto — compreendê-lo-ia mais tarde —, ele estivera sempre presente.

Seja o que for, Emi. Seja o que for que aconteça… és e serás sempre minha filha.

— Muito bem — concluiu Riccardo, limpando os olhos —, vamos tentar chegar àquele casebre antes de anoitecer.

Voltou a pegar nas malas, deixando para ela os sacos de compras mais leves. Precedeu-a ao longo do inóspito Stra' dal Forche, o qual nem encontrar fora fácil.

Há quase duas décadas que não punham os pés lá em cima.

Ao chegarem a Alma, o *Volvo* com matrícula de Ravena fora imediatamente notado. Ainda nem haviam estacionado no pátio em forma de «P», no início da aldeia, quando Emilia captara, pelo canto do olho, uma subtil agitação. Algumas das janelas haviam-se fechado de repente; outras, aberto. Talvez fossem apenas «paranoias», como o pai lhe costumava dizer. Porém, quando saíram do carro, uma mulher corpulenta, com um avental atado à cintura, surgira à porta da mercearia para os observar. E não os cumprimentara.

Depois, quando pediram informações sobre Sassaia — o caminho não estava indicado em nenhum sinal ou mapa e já não se lembravam por onde era —, os dois únicos habitantes por quem haviam passado olharam-nos com tal ar de desafio que Emilia se sentiu logo arrependida. Um deles passara por eles sem responder, fitando-os como se os tivesse reconhecido. O outro murmurara algumas palavras apenas, com as consoantes tão duras e as vogais tão fechadas que, na verdade, transmitiam apenas uma ideia: os forasteiros não eram bem-vindos ali.

Pergunto-me o que esperavam: o turismo no vale nunca existira. Quem ali chegava ou tinha laços de sangue comprováveis ou era um intruso, um forasteiro, e não era bem-vindo.

As suas malas, os sacos de compras cheios, anunciavam que tinham vindo para ficar. Mas o seu parentesco com aquela terra afigurava-se esbatido, abafado, e era melhor não voltar a falar nisso, não fosse alguém começar a ligar os pontos, lembrar-se e depois coscuvilhar e difamar, como as pessoas fazem sempre, mal têm oportunidade.

A roupa não os ajudava. Emilia vestia-se como uma adolescente — calças de ganga esfarrapadas, *Dr. Martens* roxas, blusão técnico verde-néon —, apesar de já não ser uma adolescente. Quanto ao pai, parecia saído de uma história de detetives de Simenon, com o seu elegante sobretudo cinzento, calças engomadas e colete de caxemira. Nenhum dos dois tinha nada que ver com os velhos sombrios de barba hirsuta, chapéu de feltro sobre os olhos, como se usa na nossa região, e a falar num dialeto ressentido.

Emilia lançara uma olhadela pela praça da aldeia, a única, reconhecendo-a lentamente. Ia lá no verão, na infância, para acompanhar a tia em recados e para algumas ocasiões festivas, que — lembrava-se agora — haviam decorrido naquele restaurante, Le Betulle, do qual só restava o letreiro. A mercearia, no entanto, ainda estava em funcionamento e vendia de tudo, de pão a detergentes, passando por ferragens. O bar Samurai, que fazia igualmente as vezes de banca de jornais e de tabacaria, também sobrevivera. Mais adiante, a estação dos correios — como o letreiro na porta anunciava — estava aberta às segundas, quartas e sextas-feiras, das oito às doze horas. A praça era completada pela igreja, pela junta de freguesia e pela escola.

E era tudo.

Mas que raio faço eu aqui?

Confrontada com a realidade, Emilia interrogara-se.

Não precisava de Deus nem de voltar à escola, e muito menos de jornais. Só precisava de cigarros. Tirara um do maço que trazia no bolso e acendera-o. Inalara com arrogância, porque começara a sentir medo. Havia uma regra de ferro na sua vida: não se pode voltar atrás com a palavra dada. Caso contrário, somos ignóbeis. O pai desconhecia-a: frequentara os ambientes certos. Mas ela aprendera-a na pele, e de que maneira.

Enquanto Riccardo persistia em fazer perguntas, Emilia aproximara-se das janelas opacas do Samurai para espreitar lá

para dentro. A clientela, entretida a jogar às cartas, parecia ter uma idade compreendida entre os sessenta e cinco e os noventa anos. Foi então que a voz de Marta lhe veio à cabeça:

Pensa nos rapazes, Emily. Imensos rapazes!

Faremos uma seleção, mas, depois, não perderemos tempo com joguinhos.

Vamos apenas fodê-los, um a um!

Um sorriso escapara-lhe dos lábios: *Devias ver estes tipos, Marta.*

Finalmente, passara por ali um pastor, Rivetti, acho eu, com um rebanho de ovelhas e dois cães. Foi ele quem indicou a Riccardo a escadaria de pedra escavada na terra entre o bar e a mercearia, tão bem escondida por silvas e hortênsias murchas que, se não se soubesse da sua existência, era impossível vê-la.

Emilia nunca vira urtigas tão luxuriantes como as que brotavam entre um degrau e outro. Pareciam querer impedir a passagem aos tolos que, como ela, haviam pensado que se podiam mudar para um sítio como aquele. Um lugar que a rejeitava. Que não admitia ninguém que fosse jovem e estivesse vivo. Onde as casas estavam oitenta por cento desabitadas, esquecidas e vazias. Mas era precisamente esse, não era? O motivo.

No último troço da subida, Emilia obrigou-se a não ligar ao que vira lá em baixo, em Alma, ou ao cansaço das pernas, mas a confiar no seu inconsciente. Que era o mais desastroso possível, sem dúvida. No entanto, Venturi dissera algo acertado: «Não temos poder sobre os desejos, devemos apenas arranjar coragem para os ouvir.» E ela escutara-os, sessão após sessão, sedativo após sedativo. Persistira na vontade de se mudar para Sassaia, mesmo quando Venturi voltara a ser a cabra do costume:

— Alguém com o teu passado, Emilia, escolhe uma cidade grande, uma metrópole onde se possa confundir. Não uma pequena aldeia, onde o apanhem logo.

— Ninguém se lembra — retorquira —, estão todos mortos.

— Precisamente. E queres viver com os mortos? Porque, se assim for, é muito significativo.

Vai-te lixar, respondera-lhe em pensamento. Levantara-se e fora-se embora. Porque não passava de uma pergunta de merda e, citando Marta, Venturi era «uma grande frígida com um pau enfiado no cu». Mas, então, porque ainda estaria a pensar nisso?

Agora sentia-se ofegante. Nem o pai aguentava mais. Parecia impossível que aquele trilho tivesse fim, que houvesse casas lá em cima, que alguém pudesse viver ali neste século. Contudo, no meio da floresta, apareceu uma placa branca com letras pretas:

SASSAIA, lugar de ALMA

E, de súbito, o ninho de casas decrépitas do seu sonho recorrente materializou-se. Edifícios de pedra com telhados de ardósia que se mantinham de pé agarrados uns aos outros. O sol incendiava-os. Brilhava com tal força que parecia junho, não novembro. Sob aquela luz, até as montanhas pareciam outras. Ela própria talvez pudesse tornar-se outra. E Venturi era apenas uma memória, do passado, como tudo o resto.

Porque ali, finalmente, era *o depois*.

2

Nesse ano, Sassaia contava com um total de dois habitantes.

Um deles, o Basilio Raimondi, tinha sessenta e quatro anos, mas aparentava ser bastante mais velho. Nunca fora casado ou estivera noivo, vivera sempre sozinho ali em cima, tornando-se um homem de tão poucas palavras que poderia facilmente passar por surdo-mudo. No vale, chamavam-lhe *il* Basilio — por estas bandas, os nomes são sempre precedidos do artigo definido —, e, embora fosse tratado com familiaridade, no fundo todos estavam convencidos de que não era normal.

O outro habitante, não muito diferente do Basilio, sou eu.

Ambos ignorávamos que uma terceira pessoa estava prestes a juntar-se ao nosso silêncio. Uma mulher, ainda muito jovem, com sardas e cabelo ruivo. Se tivéssemos sabido, não sei o que poderíamos ter feito para nos defendermos desta intrusão. Talvez nada, talvez tivéssemos ficado apenas mais preparados e a surpresa tivesse sido menos traumática. Não preciso de o dizer, mas, quando alguém decide viver numa aldeia despovoada, é porque quer deixar para trás uma fase da vida em que as coisas acontecem. Em que os acontecimentos nos esmagam, nos cansam, nos mudam. Se tivéssemos sabido da chegada da Emilia, não teríamos conseguido dormir à noite. Na verdade, a partir desse dia, como dizem que acontece com a chegada de um filho, deixei de conseguir dormir.

Estivera no cemitério nessa manhã. Descera até Alma às sete horas para evitar encontrar pessoas enquanto limpava as fotografias ovais com um pano do pó e substituía as velhas e empoeiradas flores de plástico por crisântemos frescos.

A minha irmã não aparecera. Este ano nem sequer dera uma desculpa esfarrapada na sua habitual mensagem concisa, e não me surpreendi: já nem sabia onde ela morava. Há quanto tempo deixara de aparecer? De partilhar comigo a carga dos mortos, as campas empilhadas, a escada, os castiçais? De me telefonar?

Manter-se afastada tornara-se o seu forte.

Por volta das oito e meia, regressara — lembro-me de todos os pormenores desse dia —, tomara o pequeno-almoço, um ovo batido, cru, com açúcar. Também devia ter tomado um duche, feito a barba, que já me chegava às clavículas. Mas não me apetecera: eles que me chamassem «o urso». No fundo, sabiam que eu não era propriamente mau.

Uma vez, a Ofelia levantou a mão e perguntou-me à frente de toda a gente:

— Professor, quantos anos tem?

A barba, nesse caso, servira para esconder um sorriso.

— Porque a Michele diz que tem trinta, e o Marco, cinquenta.

Os outros repreenderam-na, atrás das mesas:

— Chiu, sua idiota!

Respondi, divertido:

— Tenho oitenta anos.

Como, apesar de tudo, o dia 2 de novembro era feriado, aproveitara-o para transplantar os cíclames para vasos maiores e ler até tarde. Só depois do meio-dia decidira corrigir os trabalhos de casa: uma composição intitulada «O meu melhor amigo». Subira ao escritório do primeiro andar e sentara-me à secretária, onde as folhas de teste me aguardavam diligentemente, empilhadas umas sobre as outras. A primeira era a do Martino Fiume, o que me fizera revirar imediatamente os olhos.

Com doze anos, estava a repetir o quinto pela segunda vez. A primeira frase não prometia muito: «O meu melhor amigo é o *Nebbia*, o meu cão.» Mas a segunda não o desmentia: «Encontrei-o numa vala que era pequena, abandonado, a lardar, desesperado.»

Suspirara, tirara do estojo o lápis azul dos erros graves e contornara a palavra «lardar».

— Isto não é italiano, Martino — disse-lhe em voz alta. Sim, porque, à força de viver sozinho, este é um daqueles hábitos que tornam o silêncio suportável. — Sei que não vais precisar do italiano nos pastos alpinos, mas tens de o aprender na mesma.

«Forma do verbo "ladrar"», anotara na margem, «conjugar no presente e no imperfeito, reescrever cinquenta vezes». Acabara de levantar a ponta do lápis do papel quando ouvi duas vozes que não eram nem a minha nem a do Basilio.

Virara-me bruscamente para a janela.

Um homem e uma mulher: a dizer piadas, a rir. Os passos vinham na minha direção, detendo-se logo abaixo da minha janela. O som de chaves, de uma porta. Sentira o coração, um órgão que eu tinha em muito pouca conta, a bater-me no peito com tanta força como se tivesse sido apanhado numa armadilha.

Nunca se ouviam vozes em Sassaia.

À exceção do período entre o início de julho e meados de agosto, quando os familiares que tinham herdado algumas das casas sem as poderem revender vinham aproveitar o tempo mais fresco, o silêncio era absoluto. Além das perdizes, dos mochos-reais, dos corços, dos javalis, dos veados, ninguém cá vinha. Já nem o padre subia até aqui, nem o homem do lixo, nem o carteiro. Ia normalmente buscar o correio à estação de Alma e tentava acumular o mínimo de lixo possível, carregando-o às costas uma vez por semana. Havia alguém que passava por cá para verificar se as casas tinham desabado depois de uma chuvada, mas subia sozinho: não falava, não se ria.

Levantara-me da secretária, aproximara-me da janela e espreitara através da cortina.

Não vira ninguém. Ficara desiludido, ou talvez aliviado. Não conseguia decidir. Ali parado, com os ouvidos atentos a qualquer outro ruído, suspeitava que me poderiam julgar do exterior: um

inadaptado, um antissocial. Tão vulnerável sob as roupas encardidas, a barba desgrenhada, o cheiro do bosque que me sentira ameaçado pela simples presença de dois estranhos.

Tinha vergonha de os espiar assim. No entanto, afastara a cortina, inclinando-me mais para o beco. Reparara que a porta da casa em frente estava escancarada e que duas malas grandes repousavam na soleira.

Depois, não sei porquê, lembrara-me de que sugerira o título «O meu melhor amigo» como tema para uma redação, mas também o recebera da professora Irene, na minha quarta classe. Eu escrevera, textualmente: «A minha melhor amiga é a minha irmã. Corre mais do que os rapazes, trepa às árvores mais depressa do que os esquilos. Tem as pernas musculadas e cheias de nódoas negras, mas, quando faz uma ferida, não se importa, porque é uma rocha e ganha todas as competições de coragem.»

Dera-me um Muito Bom. Na altura, estavam todos convencidos de que eu tinha uma mente brilhante, um futuro extraordinário. Um pouco como o jovem Basilio, que diziam que haveria de se tornar um grande artista e que depois se tornara pintor de paredes.

Mandara a redação e a minha irmã de volta à cave da memória, onde pertenciam: ao frio e na escuridão. Afastara-me da janela e voltara para a minha secretária, obrigando-me a corrigir os erros, a deixar que a ortografia e a sintaxe triunfassem sobre todo o caos. Mas o facto de o meu coração e de as minhas memórias se rebelarem contra as minhas regras era um sinal claro da viragem dos acontecimentos com a chegada da Emilia.

Abriram as portadas da porta-janela do primeiro andar e empurraram um colchão para a varanda para apanhar ar.

Usei os verbos no plural, mas na realidade foi apenas ele que carregou o colchão, os cobertores, as almofadas e que os bateu

com força à minha frente. Ela permaneceu sabiamente escondida lá dentro, durante todas as horas de luz desse dia.

Tentei concentrar-me no cão do Martino Fiume, na sua caligrafia de jardim de infância, mas, através das cortinas, não resistia a espreitar a silhueta daquele homem de meia-idade, demasiado bem-vestido, que sacudia, abanava e gritava, contrariado, qualquer coisa sobre os ácaros que certamente proliferavam no interior da lã.

Pergunto-me o que poderia significar aquele colchão: algumas noites, uma semana? Uma vistoria a antecipar o verão, ou a decisão de venderem a casa da Iole? Só tinha uma certeza: ninguém se mudaria para Sassaia. Muito menos um citadino como aquele, de camisa branca e botões de punho a reluzir nos pulsos. Quem conseguiria viver hoje em dia sem serviço de televisão digital?

Este foi, de facto, o primeiro obstáculo: a televisão.

Por mais que a Emilia se enfurecesse, desesperasse e revirasse todas as divisões de pernas para o ar, não estava lá, nem podia estar. Assim sendo, depois de corrigir as composições dos meus alunos, entrei na casa em frente, para reconstituir os acontecimentos tal como mais tarde os viria a conhecer.

Emilia estava convencida de que se lembrava de a tia Iole passar horas em frente à televisão, à noite. Sabia até qual era o programa que ela via: *Derrick*.

— Estás a fazer confusão com a tia de Ravena — respondeu-lhe o pai.

— Há sempre uma televisão!

— Por essa lógica, também devia haver sempre uma estrada pavimentada.

Emilia deixou-se cair num degrau da escada em espiral, entregue a um desânimo que não havia previsto. Não se importava com as condições da minúscula casa de banho virada a norte, praticamente um frigorífico, nem com o quarto sem eletricidade.

Estava habituada a condições de vida espartanas e nunca se queixara. Ser vista como exigente era o pior que lhe podia acontecer em determinados ambientes. Nunca levantara problemas para conseguir uma comodidade adicional, mas a televisão não era uma comodidade: era uma salvação. O barco salva-vidas que nos mantinha à tona quando a tensão aumentava, bem como o tom de voz, e depois as mãos; quando a depressão se instalava e nos arrastava para baixo, sem fundo.

— Não é nenhuma tragédia. — Riccardo apareceu ao fundo das escadas com o sorriso mais desdramatizador. — Significa que vais ler mais!

Emilia franziu os lábios, expressando repugnância. Lembrou-se de quando fora persuadida a participar num *workshop* de leitura e escrita: pelo bónus que receberia, apenas. A professora era uma escritora de meia-idade que enchia a boca de palavras sonantes, de bons sentimentos, de perspetivas cor-de-rosa: a meio da segunda sessão, Emilia sentira um desconforto epidérmico tão intenso, como que um prurido, que fora obrigada a levantar a mão. Ela, que nunca se expunha, sentira a urgência de interromper aquele fluxo de tretas: «Está a dizer-nos que as palavras curam as nossas feridas? Que a leitura de um livro nos pode redimir? Acha que somos idiotas? Saia da sua vida e venha para aqui, viver a nossa.»

Marta ficara orgulhosa dela. Metera dois dedos na boca e soltara um assobio fabuloso. Quase toda a gente gritara e aplaudira. A escritora ficara em brasa. Levantara-se, então — vitoriosa, indignada —, e saíra da sala. Marta envolvera-lhe os ombros com um braço e dera-lhe um beijo atrás da orelha que valia mil vezes o bónus.

— Pai, temos de comprar uma televisão. Imediatamente.

— Sabes quanto tempo leva ir até à cidade e voltar? E, além disso, primeiro temos de arranjar um eletricista: não há antena.

— Mas não consigo adormecer sem televisão, é impossível.

O pai abanou a cabeça.

— Eu disse-te que isto era uma loucura. A psicóloga também te disse, e a assistente social… Vamos voltar para casa.

— Que raio estás a dizer? — gritou Emilia. O seu rosto estava congestionado; os olhos, muito abertos. A vida era uma teia frágil, suspensa sobre um abismo, para o qual ela estava sempre em risco de deslizar. — De que merda de casa estás a falar?

Riccardo manteve-se calmo, procurando tranquilizá-la.

— É só por algumas noites.

— Nunca mas *nunca mais* voltarei a Ravena!

— Então, vamos à procura de um hotel a meio caminho e repensar esta ideia.

— Quero ficar aqui. — Emilia estava à beira das lágrimas. — Porque não queres perceber isso?

Riccardo fitou-a com severidade e disse:

— Então, mostra-me que és adulta, esquece o *Big Brother*, a *Ilha dos Famosos* e todos os outros disparates que costumas ver. Em vez de te queixares do que não há aqui — entregou-lhe uma embalagem de lixívia em *spray* —, vai tratar de limpar a casa de banho.

Ambos se entregaram à limpeza com raiva, em silêncio, acho que para não pensarem. Riccardo percebeu que havia, de facto, um ponto na cozinha em que o telemóvel tinha rede e que o fogão, a caldeira e o frigorífico estavam a funcionar. Ela deu cabo das unhas pintadas de lilás nos azulejos da casa de banho, raspou o preto de todas as juntas: o tal Aldo devia ter um conceito muito elementar de limpeza.

Depois da casa de banho, passou para o que viria a ser o seu quarto: um papel de parede manchado de humidade, uma boneca de gesso com olhos de vidro, perplexa, sentada numa cadeira estofada, e uma cama de madeira escura com incrustações que fazia pensar num colégio interno católico ou num casal que praticasse solenemente a castidade.

Nunca irei conseguir adormecer aqui, pensou Emilia. Levantou o candelabro de latão da mesa de cabeceira, as velas e os fósforos que o seu familiar de confiança — que nunca a denunciaria — pusera ali para passar a noite. Estudou-os longamente e percebeu que seria uma luta muito difícil.

Depois, Riccardo chegou junto dela, trouxe os velhos lençóis de cânhamo, uma manta de lã que devia pesar uns cem quilos, as almofadas, o colchão, e juntos fizeram a cama, varreram as tábuas de madeira rangentes do soalho, preferindo ancorar-se às coisas em vez de discutirem de novo. Pensariam mais tarde no jardim das traseiras, reduzido a uma selva, e no sótão, que era, todo ele, uma só teia de aranha. Por enquanto, tentavam aproveitar o ar perfumado de castanhas, quente e falsamente primaveril, que entrava, juntamente com o meu olhar, por todas as janelas.

Pararam quando o Sol começava a esconder-se por trás do monte Cresto.

— Vamos comer uma sandes — disse-lhe o pai —, depois vou-me embora.

Emilia sentiu o chão a faltar-lhe debaixo dos pés só de ouvir «depois vou-me embora». Com relutância, seguiu-o pela escada estreita até à cozinha do rés do chão, que, como todas as cozinhas de Sassaia, era escura e húmida e mais parecia uma taberna.

Ajudou o pai a cortar o pão, a desembrulhar as fatias de fiambre da embalagem da charcutaria, mordendo o lábio para não dizer: «Fica.» Sentaram-se com as sanduíches no sofá, o mesmo sofá onde a tia Iole passara horas, dias, anos, sem nunca ver televisão: seria possível? No retângulo de luz que vinha da janela, ouviam-se mastigar, engolir, sem conseguirem falar um com o outro.

Talvez, pensou Emilia, ele também estivesse a reviver «o trauma da separação». Uma das expressões preferidas de Venturi, e certamente também da escritora. Porque é que todas aquelas profissionais, mulheres bem-sucedidas, corretas e de carreira, tinham

sempre solução para todos os problemas? Emilia gostaria de voltar ao ateliê de escrita para levantar a mão novamente e dizer: «Senhora A-Leitura-Cura-Nos, ouça bem estas quatro palavras: "o trauma da separação." Pode explicar-me que raio significam? A sério, *concretamente*?» Sempre que as ouvia serem pronunciadas, pareciam frias, inúteis. Ao passo que ela se encontrava ali, a sofrer. E o sofrimento é quente. Queima-nos pela raiz, aniquila-nos.

Deixaram as sandes a meio porque não tinham fome. Beberam dois copos de água gelada. O pai fez um esforço para brincar:

— A primeira boa razão para viver em Sassaia. — Observou o copo. — Agora até vou tentar fazer café com esta água, talvez dê.

Era uma coisa tão natural para uma rapariga da sua idade ir viver sozinha, para mais num lugar e numa casa que ela escolhera, na qual teimara até à exaustão. Mas o que se passava era o seguinte: a história deles não tinha nada de natural.

— Esta cafeteira não deve ser usada há quinze anos.

Esses quinze anos eram o problema. Ou melhor: catorze anos, quatro meses e nove dias.

Esperaram que o café subisse. Adoçaram-no com duas colheres generosas de açúcar, mas continuava a ser intragável. O pai colocou as duas chávenas de porcelana no lava-louça e olhou em volta, procurando o último pano da louça para arrumar. Depois, com um sorriso triste, rendeu-se.

— Agora vou-me embora — repetiu. — Quatrocentos quilómetros é um longo caminho. Se apanhar trânsito, arrisco-me a não chegar a tempo do jantar de que te falei.

— Não tens de te justificar.

Estavam habituados a não viver juntos, mas agora já não eram obrigados a isso: tinham decidido assim. Emilia sentiu uma nova angústia a crescer sob o esterno. Uma sensação de pequena morte, mas que continha também — e esta era a novidade — um arrepio de adrenalina.

Riccardo pegou na carteira, no relógio e nas chaves do *Volvo* que deixara em cima do aparador.

— Ouve — advertiu —, não percas tempo, põe-te a trabalhar: começa já, amanhã. Leva o teu currículo à cidade. E faz bom uso dessas duas barras de rede: liga se tiveres algum problema. Não sejas orgulhosa, não sejas teimosa. Em quatro horas consigo estar aqui.

— Eu desenrasco-me — reiterou Emilia. Ficou de pé junto da mesa, com uma mão apoiada no tampo porque as pernas estavam a tremer.

— Eu sei. Só não quero que te aconteça nada.

Emilia franziu o sobrolho. Um instante antes estava quase a desmoronar-se e, de repente, desatou a rir:

— Pai, estás a falar a sério? O que queres que me aconteça *aqui*? O que queres que me aconteça *mais*?

Já acontecera: *tudo*.

Riccardo não se riu, abriu os braços. Ela deixou-se enterrar neles. Enquanto se abraçavam, fecharam os olhos e respiraram fundo. Depois o pai, com a boca cheia de lágrimas, disse-lhe:

— Emi, conseguimos.

Soltaram-se um do outro. Ele vestiu o casaco, virou-se e saiu sem se despedir dela, porque não havia despedida possível. E, quando ele saiu, de lanterna na mão, porque o céu já estava castanho, quando o som dos seus passos nas pedras de Sassaia desapareceu, engolido pela floresta, Emilia deu por si sob o cone de luz elétrica do candeeiro, na velha cozinha da tia Iole. Sozinha.

Olhou de imediato para a porta.

O trinco, a fechadura.

Podia abri-la e sair quando quisesse. Em qualquer altura, a qualquer hora do dia ou da noite. Sem pedir autorização. Sem ter de o merecer. Podia simplesmente levantar-se e ir-se embora.

O pensamento paralisava-a.

Incendiava-a.

Provocava-lhe uma excitação surda ao longo da coluna.

Foi como uma ladra, em bicos dos pés, até ao óculo da porta. O seu coração batia muito depressa, como depois de um orgasmo.

Colocou os dedos no puxador, tentando baixá-lo.

Ainda não, disse a si própria.

Subiu as escadas a correr, descalça, como uma criança. Colocou as velas no candelabro de latão e acendeu-as todas. Abriu a mala e retirou de lá a pequena aparelhagem portátil com leitor de CD, um dos objetos mais preciosos que tinha no mundo. Levou-a para a casa de banho, onde a eletricidade funcionava, e ligou-a à tomada. Sentiu a eletricidade a percorrer-lhe o corpo.

Não era possível uma nova vida, e ela sabia-o: o futuro terminara havia muito. No entanto, este era o seu CD preferido.

Carregou no botão de *play* e pôs o volume no máximo. Regressou ao quarto e começou a dançar. Gingando com o cabelo solto, limpando o espelho da cómoda e o vidro da porta-janela com limpa-vidros. Pela primeira vez na história de Sassaia, uma música de discoteca espalhou-se pelas ruelas desertas, entre as casas desabitadas, assustando os animais, levando a que eu e o Basilio, que não tínhamos feito senão espiar e escutar durante todo o dia, levantássemos a cabeça.

Finalmente, vi-a.

Era um espetáculo comovente, de partir o coração.

Uma rapariga.

A dançar.

À luz das velas.

Com uma embalagem de detergente em *spray* na mão.

Na casa em frente.

Perdida, comigo, nas montanhas.

3

«Acreditas que não sou capaz de sair?»

«Também me aconteceu isso no primeiro dia, não te preocupes. Olhei para a porta durante umas dez horas, depois saí a correr à uma da manhã, entrei no primeiro bar que encontrei e engatei um tipo de vinte e um anos!»

«Aqui não há bares, só pedras…»

Emilia esticou o corpo de modo a conseguir quase três barras de rede enquanto trocava mensagens com Marta, de pé, compulsivamente, como as crianças quando ficam encantadas com um brinquedo novo.

«Tenho medo de que me aconteça como daquela vez na Piazza San Francesco, lembras-te? Em que quase desmaiei.»

«Sim, tu a desmaiares, depois de eu já ter arranjado a ganza.»

Emilia desatou a rir.

«Primeira saída, primeiro charro! Quem me dera ser como tu, caraças!»

«Todas as vezes que chego cansada à noite a casa e enrolo um charro, penso nisso e curto. Tu és tu. És mágica, Emi.»

«O que estás a fazer?»

Ainda antes de acabar de interpretar as palavras de Marta, Emilia escrevia as suas. Não conseguia travar os dedos. Ainda não era capaz de acreditar que conseguia enviar mensagens umas atrás das outras sem que se acabasse o crédito. A sua vida parara nas SMS, e agora tinha Internet no telemóvel.

«O que poderia estar a fazer? Estou a ir para o trabalho.»

«Merda, ainda tenho de começar a procurar um…»

«Espero grandes coisas de ti, sabes disso. E não apenas que encontres um lenhador fofo.»

«Agora a sério, como faço para sair?»

«Basta pensares no tempo em que não podias.»

Marta era três anos mais velha do que ela, mas pertencia àquela categoria de seres que a vida maltratou tanto e que resistiram tanto que acabam por não ter idade. «Quando ela falar, silêncio»: era a admoestação que se dava logo às caloiras. Além dos psicólogos, dos escritores e de vários privilegiados cujos diplomas estavam visivelmente emoldurados nas paredes do gabinete apenas para exibição, ninguém diria que Marta se candidatara à universidade e terminara um curso. Fora a primeira na história daquele sítio. Era substância pura. Mais do que isso: um exemplo.

Quando lhe foram dizer que a mãe morrera, ficara sentada à beira da cama durante um dia e uma noite, sem comer, sem beber, sem derramar uma lágrima, tão impenetrável como um monge budista. Fitou o céu o tempo todo, inalcançável pelas palavras de qualquer pessoa. Depois, tirou o cofre secreto de um buraco no colchão, retirou tudo o que era necessário, fez um corte profundo à volta do umbigo. E, com a camisola manchada de sangue, abriu o manual de Química.

«Basta pensares no tempo em que não podias», releu Emilia.

«E tu, pensas nele?», perguntou-lhe.

«A toda a hora», escreveu Marta. «Penso na Yasmina, na Giada, na Afifa, na Myriam.»

Cada nome correspondia, para Emilia, a uma punhalada de ternura.

«Eu, a Afifa e a Myriam procurámo-nos no Facebook e escrevíamos umas às outras com frequência. A Giada é *skipper* na ilha de Elba. A Yasmina teve um filho. Devias procurá-las também, agora que podes.»

Eram nove da manhã. Um sol magnífico banhava a ilha de pedregulhos onde Emilia tinha desembarcado. O azul era uma

superfície perfeita, sem a mais pequena mácula de nuvem. E os olhos doíam-lhe ao observá-lo: não os fechara, a noite inteira.

Permanecera enfiada entre um colchão duro como cimento e um cobertor pesado, embrulhada em lençóis de lixa que tresandavam a décadas passadas num armário fechado; frente ao abismo.

Emilia não se lembrava de um abismo que fosse ausência de som. Pior: ausência de som com o seu coração lá dentro.

No passado de onde vinha, a televisão falava incansavelmente até às onze e meia da noite, e então começavam os sussurros, os barulhos dos corpos, os autoclismos, as respirações pesadas de Marta, de Myriam, de Afifa.

Também nesse passado houvera outra âncora de salvação: a luz do candeeiro de rua que iluminava o quarto até ao regresso do sol. Mesmo a meio da noite, podia abrir os olhos e encontrar as fotografias delas penduradas nas paredes, as suas aguarelas, os pósteres comunitários de Luke Perry e Brad Pitt em tronco nu, com calças de ganga justas e os abdominais à mostra, as silhuetas das companheiras de viagem sob os cobertores, que, tal como ela, não dormiam, ou acordavam a toda a hora. Podia agarrar-se a elas e sentir-se segura. Em vez disso, ali era só silêncio e escuridão, como dentro de um túmulo.

«Não tenho televisão, Marta, esta noite foi um inferno.»

«A noite será sempre um inferno para nós, pequena Emily. Arranja uns comprimidos. Ou um homem que o saiba fazer como deve ser.»

Emilia sorriu.

«Vou até à aldeia ver o que consigo arranjar.»

Esperou em vão por outra mensagem de Marta, apertando o telemóvel nas mãos como se quisesse espremer mais algumas palavras, mas elas não chegaram. Reparou que a palavra *online* desaparecera por baixo do nome dela e da sua fotografia arrojada: sentada num bar elegante com um *cocktail* na mão, sorridente

e de minissaia. Quem poderia imaginar, há doze, treze anos, que Marta se transformaria nesta bela mulher normal?

Emilia percebeu que a amiga, a única com quem decidira manter contacto no *depois*, entrara para o laboratório e ficaria fora do seu alcance durante as próximas sete a oito horas.

Deixou-se cair no sofá.

E agora?, perguntou a si própria.

Agora sai, porra.

— Desenha-me um coração.

Numa manhã, muitos anos antes, na pequena sala com vista para um plátano atrás da enfermaria, um senhor careca de óculos redondos, com fama de sumidade, entregara-lhe um lápis e uma folha de papel em branco, e ela rira-se alto.

— Não vou fazer isso.

— Desenha-me o teu coração — dissera ele, subindo a aposta, com astúcia.

Emilia continuara a resistir porque esse era o seu método universal com o mundo dos adultos. Depois, ao fim de meia hora de um silêncio doloroso, agarrara no lápis com raiva, riscara o branco com traços rápidos, ora pesados, ora leves, enquanto revia de novo, mentalmente, a cama de hospital no quinto andar, segundo quarto à esquerda, impresso na sua retina, naquele último dia de 1997.

O seu coração devia ter gangrenado de vez naquele quarto cheio de silêncio, suspenso a uma distância sideral, como um corpo celeste sobre a cidade efervescente de preparativos para a noite da Passagem de Ano. Devia ter ficado ali, entre as paredes pintadas de verde baço, juntamente com o longo gotejar da morte, o cheiro que uma pessoa liberta quando se desfaz por dentro, amarelece, apodrece e, por fim, arrefece. Juntamente com o livro que lhe haviam oferecido umas semanas antes, um romance, colocado em cima da mesa de cabeceira com o marcador no meio, e que continuaria no meio. Com o par de óculos de aros

pretos fechados ao lado, o copo de água, o gancho em forma de tartaruga.

O coração de Emilia parara e depois recomeçara a bater, mas apenas aparentemente, como que para despistar os outros. Na realidade, tornara-se azul e roxo, como as olheiras e as nódoas negras.

Outra coisa que parara foram os sonhos. A partir desse dia, Emilia deixara completamente de sonhar, tanto a dormir como acordada, o que, para uma rapariga de treze anos, é talvez o pior que pode acontecer. Noites negras. Dias negros, ocos como um tronco morto. Tempo que se torna vazio, pontuado por sedativos, por antidepressivos. Até que, do nada, sem aviso e sem motivo, duas décadas depois, tudo recomeçara.

Um único sonho: recorrente, monotemático, cheio de serenidade e luz, de trepadeiras e portadas pequenas escancaradas, de regatos de água, de castanheiros, de estrelas a cintilar no petróleo denso da sua vida.

Mas o que eu queria escrever agora era que, durante o encontro com a tal sumidade, numa das sessões destinadas a definir o seu perfil psiquiátrico, Emilia oferecera ao professor a forma exata do órgão tal como se via nos manuais de anatomia, com o ventrículo direito e o esquerdo, as artérias a bombear e o tecido muscular a contrair-se, e no centro um grande buraco, enegrecido a lápis com tal força que rasgara o papel.

O professor levantara os óculos, acenando com a cabeça, satisfeito.

— Já te disseram que desenhas muito bem?

Emilia enfiou o blusão e as botas e aproximou-se da porta.

Esperou.

Ouviu uma versão de si mesma a rir descontroladamente e outra prestes a mijar-se. Rodou a chave: clique. Apenas um clique,

suave e gracioso como um chilreio. Acariciou o puxador, mordendo o lábio inferior. Depois inspirou fundo, baixou-o de repente. Abriu a porta de par em par e… *bum*!

O mundo.

Ali, à mão, tudo.

Emilia disse:

— Foda-se.

Atravessou o limiar. Sentiu-se banhada pela luz e pelo ar a arder-lhe na pele. Deu um passo, depois outro e mais um. Correu pelas cerca de trinta casas desabitadas de Sassaia como uma criança crescida, uma desgraçada, pelas calçadas cobertas de musgo, pelas ruelas desertas, deixando a porta aberta atrás de si, pois ninguém lhe podia roubar nada, chamá-la à ordem, repreendê-la ou castigá-la. Estava vento. Havia milhares de castanheiros em volta, a perderem as folhas secas, prestes a cair. Um campanário erguia-se, isolado. As montanhas engoliam o céu. Estava prestes a desatar a chorar a ponto de lhe doerem os pulmões, os olhos, quando duas frases lhe ressoaram na cabeça:

Tens de te perdoar por estares viva, Emilia.
Não, não há mais nada que eu possa fazer para o merecer.

Recompôs-se. Em três minutos, já dera meia volta à aldeia. Reconheceu o lavadouro do seu sonho, o mesmo onde a tia Iole passava os sábados a ensaboar e enxaguar a roupa enquanto conversava com as amigas num dialeto tão inacessível quanto um emaranhado de silvas.

Já não havia mulheres a curvarem-se para esfregar ou sentadas em bancos. Já não havia crianças a brincar às escondidas. O silêncio, porém, não estava vazio. Pelo contrário, fervilhava: com cantos de pássaros, lagartixas nos arbustos, até um cuco ao longe.

Emilia regressou lentamente. Passou de novo pela sua porta e fechou-a. Reparou que a casa do outro lado da rua tinha belos

cíclames brancos e fúcsia nos parapeitos das janelas, todas as janelas abertas com cortinas pequenas e limpas a descer sobre os vidros, e imaginou ter uma vizinha centenária. Prometeu a si mesma adiar o mais possível o momento das apresentações. Omitiria o seu apelido, ou, se fosse obrigada, apresentaria um falso. Não, não — nenhum parentesco com Iole Innocenti!

Deu outra meia volta e encontrou-se de novo na praça da igreja. Embora «praça» seja uma palavra exagerada: «pátio» seria mais apropriado. A porta da igreja estava barrada por uma cruz de tábuas, a torre não tinha sinos nem relógio. Emilia observava cada pormenor com atenção, espantada por os reconhecer tão bem. Uma pequena fonte, hera a subir pela fachada: era como se os verões da sua infância nunca tivessem passado. Como se o *antes*, naquele lugar, tivesse permanecido incólume.

Avançou mais um pouco, passou em frente ao relvado de Basilio e viu os gansos, as galinhas. Afastou de novo da mente o incómodo de encontrar outro habitante, com quem teria de se justificar: «Olá, chamo-me Emilia…» Pensou em possíveis mentiras: «Estou aqui para uma investigação, uma tese de doutoramento sobre o despovoamento… Não vou incomodar. Nada de rapazes, nada de drogas: prometo!» Ao mesmo tempo, percebeu que, num lugar assim, a anos-luz de qualquer controlo, poderia montar uma estufa inteira de marijuana. Não lhe faltavam conhecimentos para a vender: talvez devesse contactar Afifa no tal Facebook de que todos falavam.

Sassaia, por sua vez, estava tão fechada sobre si própria que a fazia sentir-se segura como dentro de um saco amniótico. As ruelas eram largas como caminhos, as casas agarravam-se umas às outras com arcos de pedra semelhantes a braços. Porém, quando chegou ao fim da aldeia, onde principia o caminho para Piaro, foi dar inadvertidamente a um miradouro.

Um terraço natural, aberto sobre o vale. Que atraiu Emilia e a expôs subitamente à vastidão das montanhas, do outono,

de todo aquele céu sem fim sobre a sua cabeça. Sentiu-o a descer, sentiu-se como um minúsculo detrito perdido num espaço infindo. Sentiu falta de ar, do chão sob os pés. Com tal intensidade que desmaiou.

Eu vinha da escola. Às terças-feiras, depois das duas primeiras horas, despedia-me dos treze alunos da única turma da escola primária de Alma, no recreio, deixava-os a correr no pátio com a Patrizia, a minha colega, e subia para os bosques. Normalmente, se não parasse para apanhar castanhas ou cogumelos, chegava a casa por volta das onze horas. Nessa manhã, senti-me tentado, mas não me detive. Queria passar por casa do Basilio para comprar ovos. Assim, atravessei o miradouro e encontrei-a à minha frente.

Não a reconheci. Estava tão desamparada, enrolada sobre si própria, que nem sequer se conseguia distinguir o seu género, a sua idade. Parecia um saco de trapos abandonado.

Permaneci à distância e ouvi-me a gritar:

— Ei! Tudo bem?

Mexeu-se. Arregalou os olhos e esforçou-se por se pôr de pé. O rosto estava distorcido, os fios de cabelo encharcados de suor colados à testa. Limpou a sujidade das calças de ganga, dando palmadas nas coxas, no rabo. Deviam estar mais de vinte graus no ponto onde nos encontrávamos, sob um sol radioso, e ela vestia um blusão de neve verde fluorescente. Eu estava em mangas de camisa. Confesso ter pensado tratar-se de uma residente que tivesse fugido do lar de idosos que abrira recentemente na aldeia a seguir a Alma.

Depois levantou a cabeça e viu-me.

Ficou atordoada como um veado à noite, encandeado pelos faróis de um carro.

Também vi claramente o seu rosto. Então, a contragosto, estabeleci uma ligação: o contorno sinuoso da noite anterior,

a balançar-se, dolorosamente sedutor à luz suave da janela em frente, era esta rapariga desgrenhada, selvagem e, com toda a sinceridade, menos bonita do que eu imaginara.

Não que tivesse intenção de alguma coisa. Manter-me afastado de certos assuntos era uma regra rígida que impusera a mim próprio. Não passavam de fantasias que se tinham fundido para me adormecer mais suavemente.

Só que agora não havia cortinas. Não havia vidros, não havia janelas para nos cobrir. Não pude deixar de me perguntar se tresandaria a bosque, se ela sentiria o cheiro. Sentia um desconforto excruciante. E ela sentiu o mesmo, porque fugiu.

Virou-me as costas e desatou a correr. Como o Martino Fiume depois de uma reprimenda, como todos os meus alunos ao ouvirem o toque. Como se tivesse visto um monstro.

Fiquei ali não sei quanto tempo, desiludido. Por ela e por mim. Porque evitava eu certas situações? Para não ter de me sentir assim: incompreendido. Um parvalhão. Um tipo a quem haviam dito no liceu que ia fazer carreira numa universidade de prestígio na Europa, mas que continuava a viver onde nascera. Que fora o único a regressar.

O que viera aquela mulher fazer a Sassaia? Esperava que ela se fosse embora, que fizesse as malas em breve. Senti raiva. De tal maneira que me esqueci dos ovos, do Basilio. Quando cheguei a casa, bati com a porta com força.

Imediatamente a seguir, no entanto, afundei a cabeça e toda a barba no jato a ferver do chuveiro. Passei a esponja embebida em sabão por todos os cantos do meu corpo. Apesar de tudo, estava vivo.

4

Três dias depois do nosso primeiro encontro, se é que se pode chamar-lhe assim, a cozinha de Iole estagnou num silêncio frio e tranquilo. O ar já estava contaminado pelo fumo de cigarro e pela solidão. Esparramada no sofá, depois de ter almoçado *Coca-Cola* e batatas fritas, Emilia ligou ao pai e atirou antes mesmo de ele falar:

— O filho da mãe do Aldo não devia ter vindo esta manhã com o eletricista?

— Bom dia, Emilia, como estás? Eu estou bem, obrigado. Para que conste, não é como se desejasses uma coisa e pimba: conseguisses. Sobretudo aí em cima. Entretanto, podes ouvir rádio.

— Não há nenhum rádio, já procurei.

— Deixei-te um livro.

— Estás a gozar comigo?

— Acalma-te.

— Não, não me vou acalmar! — explodiu Emilia. — Não durmo há quatro noites, por isso fico maluca!

Estava a fazer uma birra: que luxo. No outro lugar, nem lhe passaria pela cabeça. Nem a ela nem às outras. Se sentissem uma raiva feroz ou uma frustração crescente e já não conseguissem reprimi-la sob o nervosismo, cortavam os braços com as lâminas escondidas debaixo do colchão. Ou batiam com a testa na parede até sentirem o sangue a escorrer pelo nariz. Até que aparecesse alguém a quem pudessem pedir *Rivotril*.

— Vou enviar-te a receita por *e-mail* e vais à farmácia comprar *Stilnox* — respondeu o pai.

— Estou farta de gotas e comprimidos. Jurei a mim própria.

— Céus! — Riccardo perdeu a paciência. — Então, não sei que mais te possa dizer! Sinto-me como se estivéssemos de volta às discussões de quando eras adolescente.

E quando o terei sido?, pensou Emilia.

— Só quero uma televisão, não é difícil.

— Foste à cidade?

— Sim.

— Não me mintas.

Desde que as pegadas do pai se dissiparam no fundo de Sassaia, na noite dos mortos, não produzira mais do que roupa suja, um lava-louça cheio de chávenas incrustadas de café, pacotes de batatas fritas estripados, beatas por todo o lado. Nem sequer tentara viver. Tomou nota mental disso enquanto, do outro lado da linha, se ouviam os sons do trânsito da cidade onde nascera, os ritmos dos horários dos escritórios, das fábricas, das escolas: o tempo ordenado dos outros, de todos os outros. Exceto ela.

— Já te disse que fui…

— Tínhamos um acordo diferente, Emilia. Entrares no caminho certo sem perder tempo. Não podes ficar aí em cima sem fazer nada.

O pai estava a conduzir com o telemóvel em alta-voz. Emilia ouviu-o a ligar o pisca e a abrandar. Imaginou-o amargurado e irritado ao ponto de procurar uma berma para parar e discutir em paz. Quanto a ela, desiludi-lo era o que mais detestava em si própria.

— Não me digas o que fazer. Já não suporto que me deem ordens.

— Se queres que te deixem livre para tratares da tua vida, tens de mostrar que és capaz. Arranja um trabalho, torna-te independente. Prometeste-me que irias à cidade na terça-feira, e hoje é sexta, e ainda estamos a falar da televisão.

— Muito bem! — gritou Emilia. — Vou à Manpower dar o cu!

Terminou a chamada e desligou o telemóvel.

Arrependeu-se imediatamente de tudo o que dissera e não fizera, mas errar era a sua especialidade. Virou as almofadas do sofá numa busca desesperada da lanterna e das chaves. Depois daquela primeira exploração de Sassaia, havia-se barricado em casa, com as cortinas fechadas, para não ser vista pelos outros habitantes da aldeia e não ter de lidar com eles, sobretudo com o homem barbudo que a apanhara em flagrante.

Passara horas ao telefone com Marta, a trocar mensagens de texto e carinhas sorridentes: «Lembras-te das chapadas que te dei quando não querias estudar?», ameaçava a amiga. «Olha que eu vou aí e dou-te mais umas palmadas.» E minutos escassos ao telemóvel com o pai, a mentir-lhe maravilhosamente. E depois mais nada, porque não havia mais números na sua lista de contactos.

Ouvira música de dança enquanto estava deitada no sofá, imaginando que era outra pessoa, em cima de uma coluna de discoteca, jovem e *sexy*, a fumar e a molhar o filtro com saliva — «Tu não fumas, maga Emi, tu fazes mamadas aos cigarros.» Voltara a pôr o CD a tocar para fazer aeróbica, abdominais, coxas e glúteos, como nos velhos tempos. Masturbara-se, meneara-se, falara para o escuro: «Morre, idiota.»

Agora chega, disse para si própria. Procurou a lanterna, as chaves, que haviam ido parar debaixo da almofada do sofá, num antro de migalhas e pó. Atirou-as para dentro do saco. Verificou se a carteira estava lá dentro. Depois foi à casa de banho e olhou para a cara.

Tinha olheiras, os olhos baços como os dos peixes nas arcas de gelo do cais da marina, a pele de uma palidez tal que as sardas sobressaíam como lentilhas no leite.

Lembrou-se de Rita e da sua última conversa. Da forma como a abraçara contra o peito para se despedir, como uma mãe. «Liga-me nesse dia», pedira-lhe. «Prometes? Porque garanto-te

que esse dia há de chegar, e estarás pronta. Viverás onde quiseres, começarás de novo. Não te esqueças de me ligar.»

Começou a escovar violentamente o cabelo, crespo e selvagem. Passou mãos-cheias de água pelas bochechas, beliscou-as para ganharem um pouco de cor, tentou maquilhar-se com um belo batom vermelho-cereja e muito rímel nas pestanas.

Disse para o espelho:

— A liberdade é uma trapalhada, Rita. E eu sou daquelas que não cumprem as promessas.

Vestiu uma camisola lavada com as calças de ganga esfarrapadas, prendeu um cinto de cabedal à cintura, pegou no saco e, munida de toda a determinação do seu corpo, dirigiu-se para o Stra' dal Forche.

A ideia de se cruzar de novo com aquelas pessoas, que a esquadrinhavam e adivinhavam os seus podres, dava-lhe uma vontade física de voltar atrás, de se fechar na casa de banho com uma lâmina de barbear e de recorrer aos métodos antigos, mas decidira resistir: devia-o ao pai.

Os ramos entrelaçados dos castanheiros formavam um teto fresco sobre a sua cabeça: uma abóbada móvel de folhas castanhas, laranja e amarelas, e lampejos de luz inesperados. Lembrou-se do céu do presépio mecânico que a encantara em criança, quando apareciam o Sol, as estrelas e o cometa de papel-machê. Quando olhava, maravilhada, para aquele espetáculo montado pela associação sem fins lucrativos e sentia as mãos dos pais, o seu amor, pousadas nos seus ombros, sentia apenas confiança: em si própria e no mundo.

Desistiu de avançar com cuidado e apressou-se a descer o trilho, abrindo bem os braços. Arriscava-se a cair a cada curva, mas não se importava. A velocidade excitava-a, libertava-a. *Marta*, perguntou-lhe, *como faço para ser como tu? Porque não fui também para Milão? Para tua casa? Para a tua cama?*

Porque estamos todas no mesmo barco, mas cada uma tem o seu próprio buraco negro e tem de o aguentar.

Seguiu por entre as urtigas. Apareceu desgrenhada, com o saco de lona e as botas, no meio do bar de reformados e da mercearia da Rosa. Demorara menos de um quarto de hora a descer.

E agora estava na boca do povo.

Atravessou a praça e foi diretamente para a paragem do autocarro. *Que dia é hoje? Sexta-feira.* Passou o dedo pela tabela dos horários. *Que horas são? Catorze e quarenta e cinco, ótimo.* Voltou a verificar o horário. Ótimo, o tanas: perdera o autocarro. Por dez malditos minutos. E o próximo, o último, era às dezoito. Demasiado tarde para ir à cidade, comer qualquer coisa e voltar a uma hora decente. Acendeu um cigarro e depois ligou o telemóvel.

Escreveu ao pai: «Desculpa.»

A praça estava deserta. Raramente passava um carro. Emilia observou-os a circular, na sua maioria veículos de três rodas ou *pick-ups* carregadas de material de jardinagem e de criação de gado. Apagou o cigarro nas costas da mão e acendeu outro. Depois o pai respondeu: «Desculpa, não devia ter-te pressionado. Vais conseguir.»

Amava-o. E esse amor fazia-a sofrer.

Porque havia muitas filhas exemplares no mundo que tinham pais péssimos: que lhes batiam, que às vezes lhes tocavam, que na melhor das hipóteses se estavam nas tintas — conhecera dezenas, sem contar com Marta. E logo ela, que era a pior, fora abençoada com um pai perfeito. Fotografou com o telemóvel o horário do único autocarro que atravessava o vale: quatro viagens durante a semana, duas aos fins de semana, duas nos feriados, era pegar ou largar. Prometeu a si própria que o apanharia na segunda-feira de manhã, às seis horas. Jurou que na semana seguinte seria altamente produtiva. Que limparia casas de banho, apanharia estrume, serviria *pizzas*: tudo o que fosse preciso para trazer para

casa um salário, que seria imediatamente gasto num comboio para Milão, para ir ter com Marta. Mas, primeiro, tinha de resolver o problema do sono.

Não valia a pena procurar ervanárias nas proximidades para obter um pouco de valeriana, quanto mais lojas de eletrodomésticos. Só que agora estava em Alma: não queria ter feito a descida em vão. Olhou em volta. Claro que não havia merda nenhuma. Depois, a sua atenção deteve-se no letreiro do Samurai, nas montras imundas.

Então, sorriu: *Como é que eu não pensei nisto antes?*

Talvez pelo facto de o álcool ser uma coisa tão proibida, mesmo no Natal, na Passagem de Ano e no feriado de agosto, eliminara a possibilidade pela raiz. Conseguiam arranjar alguns charros quando estavam de licença: umas quantas baforadas apenas, às escondidas, antes de encherem a boca de rebuçados de menta. Mas uma garrafa de vodca era impraticável, e um *shot* não servia para nada.

A última vez que Emilia se embebedara fora no fim do nono ano: uma festa de adolescentes numa pizaria na praia, toque de recolher à meia-noite. Uma festa de aniversário que começara mal, sem ninguém a querer sentar-se ao seu lado para comer, e continuara pior, no meio dos guarda-sóis fechados dos estabelecimentos, nas espreguiçadeiras escorregadias e húmidas onde todos tinham acabado por fazer emboscadas uns aos outros, exceto ela e outra pessoa — de quem eliminara os mais pequenos detalhes.

Só se lembrava de que tinham ficado à parte, a beber sem parar, enquanto um velho nadador-salvador se atirava a elas. Gastara todo o dinheiro que o pai lhe dera em *mojitos* e, quando chegara a casa, ele tivera de lhe agarrar o cabelo para que não acabasse juntamente com a sua alma no fundo da sanita.

Dezasseis anos mais tarde, a oportunidade reaparecia: clara, livre das classificações de «absolutamente *verboten*», proibido.

Bastava dar alguns passos. Emilia deu-os, encantada. Durante mais de uma década, a esfera do possível oscilara de zero a zero vírgula um. E agora, de repente, saltara para cem mil.

Quando chegou diante da porta, como de costume, esperou que alguém abrisse. Depois, chamou-se idiota e entrou.

Com o batom vermelho-cereja. As calças de ganga que lhe deixavam as pernas à mostra. A malícia e a fome de alguém que, depois daquela festa, só bebeu *Coca-Cola*, *Fanta* e água, enquanto os colegas continuavam a embebedar-se, a perder os sentidos na praia, e depois começavam a cantar com violas à volta de fogueiras, a fazer amor, a arranjar namorados.

Entrou no Samurai decidida a recuperar um fragmento esquálido do tempo perdido. Sem hesitações e sem encarar ninguém. Perante essa entrada memorável, os velhos mais introvertidos, tímidos e alheados do vale levantaram a cabeça dos seus jogos de cartas para a olharem, *la furesta*, a forasteira.

Emilia sentou-se ao balcão e pediu um *amaro*, obrigada.

Ninguém se deu ao trabalho de não a fazer sentir que estivesse a ser observada fixamente. Ninguém lhe disse olá, bom dia, boa noite. Piero, que estava a secar as chávenas, observou-a com um olhar inquiridor. Depois, sem emitir qualquer som, encheu um copo grande e colocou-o à frente dela.

Todos regressaram aos seus jogos de póquer, *scala* e *scope*, como se nada tivesse acontecido. Mas, entretanto, claro, acontecera *tudo*. Uma mulher. A embebedar-se às três da tarde. Sozinha. Que ninguém sabia quem era. Com aquele batom. Foi um acontecimento tão excecional que em todas as cozinhas, quartos e estrebarias se falaria dele durante semanas.

A intrusa, cuja idade, residência e genealogia todos tentavam secretamente adivinhar, bebeu em pequenos goles, absorta, com as pernas cruzadas. Saboreava a felicidade do álcool que lhe queimava o esófago, lhe fazia cócegas no estômago, lhe distendia os nervos um a um, lhe turvava a mente. E era um alívio tal libertar

o autocontrolo, a memória de si, o peso de si, que, terminado o copo, pediu outro.

Infelizmente, quando já estava tão atordoada que não se conseguia levantar, Patrizia entrou com as amigas. Registou imediatamente a novidade sensacional e ficou muito entusiasmada. De tal maneira que, pouco depois, me telefonou para me contar o sucedido.

Aproveitou o pretexto para regressar ao assunto: «Devíamos ir jantar uma destas noites.» Por causa do conselho de turma, «mais nada», e para trocarmos ideias sobre Martino Fiume: «Quantas vezes será aceitável chumbar um aluno?» Hesitei, dei a milionésima desculpa, que ela se recusou a interpretar devidamente. Como se não bastasse, na segunda-feira seguinte, na escola, não fez senão falar comigo, falar comigo, falar comigo — enquanto eu olhava para as crianças no recreio e não lhe prestava atenção — daquela forasteira que mal conseguira tirar uma nota da carteira e que nem fora capaz de guardar o troco e que cambaleara do banco até à porta e que depois tropeçara no primeiro degrau. Aquela alcoólica. Que era de certeza uma prostituta. Uma doente mental fugida de Villa Sorriso. Uma esquisitoide. Uma bruxa. Porque eu sabia, não sabia? Que as mulheres de cabelo ruivo eram bruxas?

Encontrei-a debruçada sobre o lavadouro, a vomitar.

As montanhas haviam-se tornado negras. O Cresto, o Mucrone e o Barone tinham escondido o Sol, que se diluía a oeste, mas uma réstia de luz ainda brilhava, impregnada de cor-de-rosa. Os pássaros haviam-se retirado dos ramos. O ar ficara mais frio. Do bosque vinham rajadas de humidade, e as folhas enterravam-se no solo. Parei.

Estivera ao telefone com a Patrizia, por isso sabia. Confesso que saíra nessa noite, não tanto para o passeio habitual quanto movido por uma preocupação a que, na altura, não consegui dar

um nome: o receio de que a desconhecida, ao subir o Stra' dal Forche num estado lastimável, pudesse magoar-se.

Vi o seu corpo a ser sacudido por arrancos. Sem a proteção do blusão de neve, era pálido e magro. Não devia pesar mais de quarenta e cinco quilos, os seus ossos sobressaíam da roupa. Surpreendi-me por ter conseguido regressar a Sassaia bêbeda.

Esperei que se pusesse de pé, mergulhasse a cara na água gelada do lavadouro e abrisse de novo os olhos.

— Estás melhor?

Concentrou-se em mim, desta vez sem se assustar. Passou uma mão pela testa e acenou com a cabeça antes de se deixar cair no banco.

A água borbulhava, os gansos do Basilio grasnavam ao longe. O batom dela estava esborratado.

— Apanhei uma valente bezana.

— Acho que o vale inteiro já sabe.

Ela sorriu, abanando a cabeça.

— Sou mesmo um desastre.

Com os olhos novamente fechados, os fios de cabelo molhados a escorrerem-lhe pelos ombros e a mão-cheia de sardas espalhadas pelo nariz e pelas maçãs do rosto, parecia uma Pipi das Meias Altas cansada.

— Aqui estás em segurança — disse-lhe.

— Vim mesmo para isso.

Voltou a abrir os olhos. Que eram verde-floresta, verde-maçã, verde não maduro; mosqueados de amarelo; lindos. Mas absolutamente desprovidos de luz, como duas estrelas mortas. Perturbaram-me. E, quando me dei conta de que estávamos a olhar um para o outro e até a falar, senti uma vergonha tão intensa como naqueles sonhos em que damos por nós nus numa praça cheia de gente.

Fiz-lhe um aceno apressado com o queixo e arrastei o meu volumoso metro e oitenta numa direção qualquer. Não que houvesse muitas. Mas só queria mergulhar na floresta.

— Espera — ouvi-a a chamar-me.

Aproximou-se de mim em pequenos passos, mantendo a distância entre nós, pela qual lhe fiquei grato.

— Vives aqui, certo?

Anuí com a cabeça.

Apertava a alça do saco com as mãos e parecia muito hesitante.

— Sei que pode parecer estranho o que te vou perguntar. Que posso parecer-te estranha, além de bêbeda. Mas garanto-te que estou lúcida, a sério… O problema é que não consigo dormir. — Deixou cair o saco no chão e começou a gesticular. — Não estou habituada a este silêncio, perfura-me os ouvidos. Não há televisão, não há rádio, não há nada, e eu preciso de ouvir vozes, pessoas a falar. Porque sempre foi assim, nunca dormi sozinha. — Achei-a muito teatral. — Em breve há de vir um homem trazer-me uma televisão, e tudo ficará resolvido. Mas, entretanto…

Não me atrevi a explicar-lhe que nenhuma casa em Sassaia tinha ou teria um televisor.

— … Mas, entretanto, queria pedir-te um favor. E peço-te que não penses mal de mim. Poderias vir a minha casa esta noite para conversarmos até eu adormecer?

Eu ficara imóvel, em apneia, a ouvi-la enquanto ela empilhava frases improváveis em cima de frases ainda mais improváveis. Mas agora estava ofegante.

— Nem sequer nos conhecemos.

— Eu sei, eu sei! — Parecia estar a representar na perfeição e, ao mesmo tempo, a ser desesperadamente sincera. — Juro que não estou louca, apenas exausta. Posso pagar-te pelo incómodo, ou retribuir-te o favor de outra forma. Não te tomarei muito tempo. Meto-me na cama e tu falas comigo. Sobre cabras, astrologia, o que quiseres. Depois, quando vires que estou a dormir, e acho que vou cair para o lado num instante, vais-te embora.

Não podia acreditar. Ela estava a pedir-me para ir ao quarto dela depois do jantar. Não sabia o nome dela, ela não sabia o meu.

Eu podia ser um pervertido, alguém mal-intencionado, um violador de mulheres, e não um homem que pagava para estar com a Gisella uma vez por mês, no Hotel Le Piane, no meio dos arrozais.

— Desculpa… — Agitou uma mão no ar, tentando apagar o assunto que puxara atabalhoadamente. — Esquece tudo. — Apanhou o saco do chão, com a cara vermelha.

Estava tão desiludida e embaraçada, e eu conhecia tão bem esse sentimento, que fiz algo que não me acontecia com outras pessoas há muito tempo: compadeci-me dela.

— Está bem — respondi contra a minha vontade. — Depois do jantar, passo por lá.

UM ROMANCE PODEROSO E HUMANO QUE CONFIRMA QUE A LUZ MAIS PURA PODE CRESCER MESMO NO CENTRO DE UM ABISMO DE DESESPERO

A única maneira de chegar à remota povoação montanhosa de Sassaia é por um caminho íngreme e sinuoso escondido por entre as faias. É de lá que um dia surge Emilia, uma mulher de trinta anos demasiado magra, de cabelo desgrenhado, selvagem. Da casa ao lado, Bruno assiste à sua chegada como quem assiste a uma invasão.

Quando finalmente se encontram, cada um com a sua bagagem de solidão, Bruno sente nos olhos de Emilia um abismo semelhante ao seu. Ambos experimentaram o mal: ele como vítima, ela como agressora — um ato pelo qual pagou um preço elevado, mas que não pode ser reparado.

Sassaia é o seu refúgio, a única solução para escaparem a um futuro em que ambos deixaram de acreditar. Mas o futuro chega e segue as suas próprias leis. Culpados ou inocentes, vítimas ou agressores, o tempo passa e revela-nos o que realmente somos: infinitamente frágeis, fatalmente humanos.

«Silvia Avallone tem o poder de enfeitiçar o leitor. Mostra-lhe uma floresta, uma casa, uma rapariga, depois um homem. E pede-lhe que lhe dê a sua mão e a siga. Se o fizer, não a largará até ao fim. Este é o feitiço da escrita.»

NICCOLÒ AMMANITI, autor *bestseller* internacional

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
topseller.suma
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-510-2